

## A vida das idéias O senso do Estado

JOSÉ GUILHERME MERQUIOR

"O futuro das democracias pluralistas depende essencialmente de três fatores: a restauração de uma autoridade estatal, suscetível de arbitrar os conflitos entre os grupos e de impor as decisões, mesmo impopulares, o que interesse comum da coletividade exige; a eficácia da administração econômica, ou (...) o aperfeiçoamento de um sistema (...) que mantenha a mobilidade, reanime os estímulos, incentive os trabalhadores e empresários a trabalhar mais e melhor; enfim a limitação da influência dos que não desejam favorecer a reconstrução no quadro (social) existente."

São palavras de mestre Raymond Aron, extraídas de uma conferência por ele proferida na London School of Economics em 1950 — um quarto de século antes de meu doutoramento naquela fecunda casa de ensino e pesquisa. E são palavras que se aplicam como uma luva à situação do Brasil no limiar da presidência Collor de Mello; porque ferem frontalmente o problema da regeneração do Estado, como governo e sistema político, nas democracias industriais.

Aron pensava, naturalmente, nas carências da França pré-V República. Tanto assim que o retorno de De Gaulle ao poder, em 1958, assegurou a combinação dos três fatores: a restauração da autoridade, a maior eficiência do planejamento econômico, a neutralização (mediante um novo sistema eleitoral) dos principais inimigos da ordem social — os comunistas. Mas o Brasil de hoje

sofre das mesmas moléstias e aspira às mesmas receitas.

Ao tomar posição, nesta coluna, pela prioridade à reforma do Estado, e não ao distributivismo imediato, como opção básica dentro do duelo sucessório, procurei indicar a racionalidade dessa estratégia, até mesmo em termos de resultados sociais, traduzidos em termos de maior igualdade e melhores níveis de vida. Pois somente o Estado emagrecido, desonerado da dívida (da interna tanto ou mais que da externa), pode ter a musculatura necessária ao relançamento e reorientação do investimento e, de modo geral, à conquista da solvência — da sociedade e do próprio Estado — sem a qual serviços sociais realmente eficazes, que são os mecanismos concretos da justiça social efetiva, não poderiam ser criados ou mantidos.

Precisamos acabar com a confusão semântica sobre "o

Estado forte" na América Latina. Estado forte não é Estado ao mesmo tempo autoritário e impotente. É o Estado com real capacidade extrativa (em vez de inerme ante a sonegação); capaz de prover a complexa infraestrutura técnica e humana de uma sociedade industrial dinâmica; e pronto a decidir e arbitrar, pela autoridade e não pela força, os conflitos sociais que a sociedade não resolve por si mesma.

Basta de chamar de Estado forte o Estado fracativo que se deixa colonizar por vários privilégios cartoriais gargarejando retóricas nacional-sociais. Este não é senão um Estado fraco, marionete patrimonial de interesses particularistas, corroído na sua autoridade por pressões e contra-pressões que ele nunca termina de contentar ou controlar. É um Estado estamentado, pré-social: Estado estatista, e não obstante cada vez

mais débil, precisamente porque disfuncional, econômica e socialmente.

De um novo Estado guia, e não patrão, econômico o Brasil espera agora muitas reformas: patrimoniais, fiscais, sociais. Nosso radicalismo de rua ou de salão, que fala em nome do povo mas nunca chega a empolgar as urnas, tem o mau costume de pensar que reformas amplas e profundas são o apanágio da extrema esquerda.

Nada mais falso. Historicamente, a criação do Estado-providência, no mundo ocidental, não foi sempre, de modo algum, obra de forças radicais ou mesmo da esquerda. Algumas vezes, nasceu até de modernizações conservadoras (como na Alemanha de Bismarck, pioneira das pensões e outras medidas de proteção ao assalariado). Outras surgiram de políticas perfeitamente centristas, ou de centro-esquerda, como na Inglaterra de Lloyd

George, na Escandinávia social-democrata, no Uruguai de Batlle ou nos Estados Unidos de Roosevelt e Johnson.

Um capitalismo realmente moderno é perfeitamente compatível como o progressismo social. Na realidade, um capitalismo avançado depende, em larga medida, de índices sociais que excluam, por definição, a penúria e a marginalidade de grandes contingentes de população. A reforma do Estado é a via para realizar entre nós essa interdependência: a modernização irreversível da nossa economia, e o resgate da enorme e vergonhosa dívida social brasileira.

Só que isso se faz com democracia e liderança, e não com mais estatismo e demagogia. Por isso, ao contrário do que pensam certos neoliberais desencantados e certos neo-anarquistas desvairados, precisamos — e muito — do senso do Estado.

## Chuvas desabrigam 95 mil na Bahia

SALVADOR — Depois de um dia de sol no Estado, que substituiu as fortes chuvas que vinham caindo em todas as regiões, voltou novamente a chover ontem na Bahia, elevando de 75 mil para 95 mil o número oficial de desabrigados.

As cidades mais alagadas são Cachoeira e São Félix, à margem do Rio Paraguaçu, no Recôncavo baiano. Ali as ruas foram invadidas pelas águas do rio, depois que a vazão da Barragem de Pedra do Cavalo aumentou de 1.500 para quase 3 mil metros cúbicos por segundo. A população continua temendo uma enchente de consequências incalculáveis.

Em Feira de Santana, as chuvas deixaram mais de 3 mil desabrigados. O Prefeito Colbert Martins já solicitou NCZ\$ 40 milhões para fazer frente aos gastos de recuperação dos estragos.

Em Itabuna, José Macário Sobrinho, Secretário especial da Defesa Civil do Ministério do Interior, prometeu uma verba de NCZ\$ 10 milhões para a recuperação da cidade. O Prefeito Fernando Gomes, no entanto, informou que precisará de pe-

lo menos NCZ\$ 50 milhões.

Já em Minas Gerais, subiu para 23.492 o número de desabrigados devido às chuvas que atingem há cerca de dez dias as regiões Norte e Noroeste do Estado, além do Vale do Jequitinhonha. Desde sexta-feira chove também na Zona da Mata, castigando, sobretudo, as cidades de Cataguazes, Guaraciaba, Manhumirim, Patrocínio do Muriaé e Presidente Soares. Nesses municípios já chegam a 320 o número de desabrigados e a 100 o de desalojados. Em todo o Estado de Minas Gerais, cerca de duas mil pessoas já deixaram provisoriamente suas casas devido aos danos causados pelas chuvas, segundo a Defesa Civil.

Desde o último dia 20, a Defesa Civil distribuiu 39.612 cestas básicas em todo o Estado, equivalente a 435 toneladas de alimentos, além de 2.515 cobertores, 2.948 colchões e 8.842 metros quadrados de lona plástica. Ontem, um avião Hércules da FAB levou alimentos, agasalhos e barracas para os 640 desabrigados.

# DISQUE DISNEY

292-1212  
BEL AIR VIAGENS

BEL AIR VIAGENS

FIVE STARS

O mais econômico dos roteiros "cinco estrelas":  
Saídas: JANEIRO e FEVEREIRO - 90

ECONODISNEY

O mais "cinco estrelas" dos roteiros econômicos.  
Saídas: JANEIRO e FEVEREIRO - 90

A DIFERENÇA ENTRE VIAJAR E VIAJAR BEM

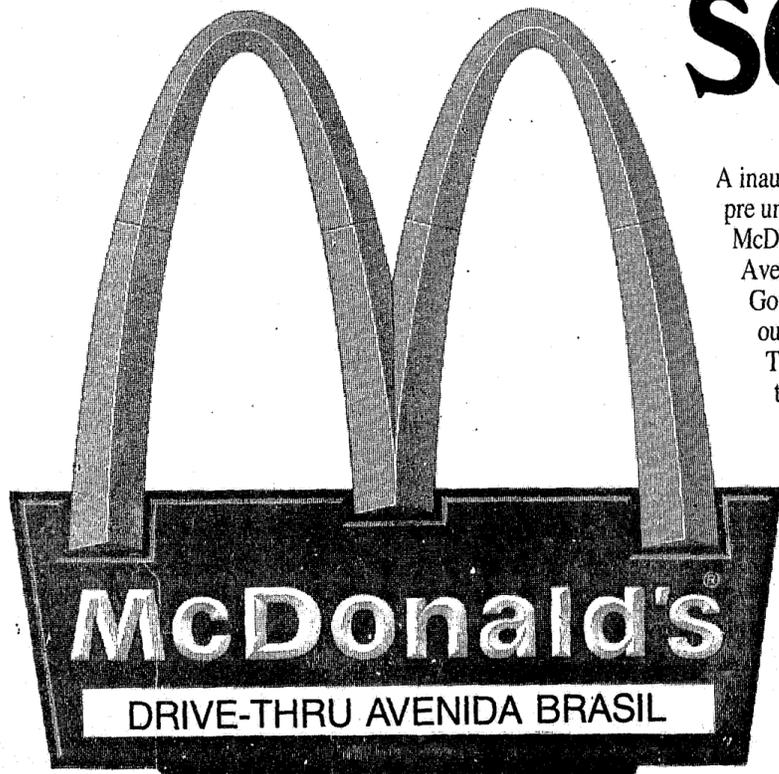


PREÇOS A PARTIR DE  
US\$ 675,00  
(Mensal acomodado)

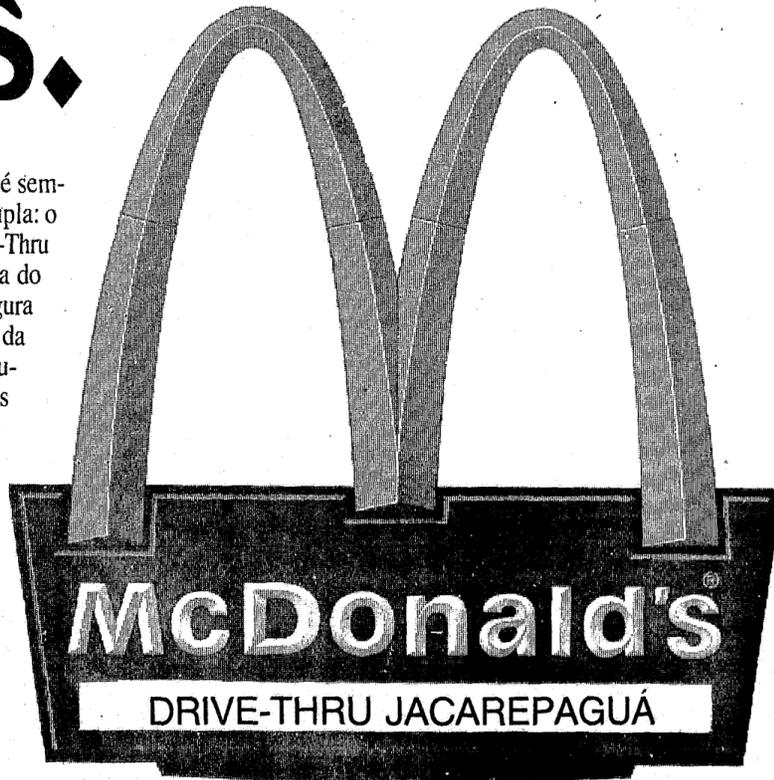
PREÇOS A PARTIR DE  
US\$ 536,00  
(Mensal acomodado)

EMBRATUR Nº 00906-00-41-7

# MELHOR DO QUE UM NOVO McDONALD'S DRIVE-THRU, SÓ DOIS.



McDonald's Drive-Thru Avenida Brasil  
Avenida Brasil, 6.532  
Aberto diariamente de 8h a meia-noite



McDonald's Drive-Thru Jacarepaguá  
Estrada dos Bandeirantes, 88 - Taquara  
Aberto diariamente de 9h a meia-noite

Nós estamos orgulhosos de participar dessa festa:

 JACEGUAÍ ENGENHARIA LTDA.	 DRACON EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS	 SÃO RAFAEL INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.	 teste Tecnologia em Sistemas de Controle	 JOSIAS Uma empresa na medida do seu projeto	 CONSTRUBAN ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES LTDA.	 CORNELIUS EQUIPAMENTOS LTDA.
 GLASPAC MÓVEIS FAST FOOD	 IOPES SANTOS & FERREIRA GOMES ARQUITETOS LTDA.	 MACOM EQUIPAMENTOS PARA SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO	 TAYLOR TAYLOR FREEZER DO BRASIL IND. E COM. LTDA.	 HUNA AR CONDICIONADO	 ENGENHARIA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA RIO DE JANEIRO LTDA.	 caltec engenharia ltda. Projetos e Consultoria de Estruturas